

## **FUTEBOL E LAZER: UMA ANÁLISE SOBRE O “RACISMO À BRASILEIRA” ATRAVÉS DOS JOGOS “PRETO X BRANCO”**

**Recebido em:** 16/02/2012

**Aceito em:** 03/09/2012

*Bruno Otávio de Lacerda Abrahão*  
Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix  
Belo Horizonte – MG – Brasil

*Antonio Jorge Gonçalves Soares*  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
Rio de Janeiro – RJ – Brasil

**RESUMO:** O artigo analisa o exótico jogo futebol chamado de Preto X Branco que ocorre há 39 anos apenas no período do Natal. Esse jogo ritual é um encontro de amigos que formam duas equipes compostas por jogadores que se autodeclaram “pretos” contra outra dos que se autodeclaram “brancos”. Esse espaço de lazer é um ritual que tematiza as relações raciais no Brasil. Foi utilizado como fontes a memória registrada na mídia escrita e televisiva, entrevistas semiestruturadas e a observação participante no evento de 2009. Concluímos que o evento revela o desejo coletivo de integração racial a partir dos temas da raça e do racismo. A celebração da amizade entre amigos “brancos” e “pretos” é uma tentativa de superação do racismo via o humor e a pilhéria do debate racial. Os estereótipos raciais acionados durante esse jogo ritual, talvez, signifique uma forma, mais ou menos consciente, de rir da história das relações raciais no Brasil.

**PALAVRAS CHAVE:** Atividades de Lazer. Futebol. Preconceito.

### **SOCCER AND LEISURE: AN ANALISIS ABOUT “BRAZILIAN RACISM” THROUGH “BLACK VS WHITE” GAMES**

**ABSTRACT:** The present article analyzes an exotic soccer game named Black x White that occurs for 39 years only in the period of Christmas. This ritual game is a friends gathering who create two teams: one composed by players who self declare “blacks” against other team who self declare “whites”. This leisure space is a ritual that thematizes the racial relations in Brazil. It was used as sources the registered memory in the written media and television, semi structured interviews and the participant observation in a 2009 event. We conclude that the event reveals the collective desire of racial integration from themes of race and racism. The celebration of friendship between “whites” and “blacks” is an attempt of overcoming the racism through humor and joke of racial debate. The racial stereotypes triggered during this ritual game probably mean a way, more or less conscious, of laughing about the history of racial relations in Brazil.

**KEYWORDS:** Leisure Activities. Soccer. Prejudice.

## Introdução

“Racismo à brasileira” (DAMATTA, 1981; TELLES, 2003; SCHWARCZ, 2001) é o termo mais comumente utilizado para denominar a forma como o preconceito racial se desenvolveu no Brasil. Nele coexistem dois movimentos contraditórios: a coexistência da inclusão com a exclusão (TELLES, 2003<sup>1</sup>), em relação à especificidade desse tipo de racismo. Segundo DaMatta (1981) esse seria o domínio sob o qual reside o drama racial brasileiro: “é o modo pelo qual tais “raças” entram em contato para criar um povo ambíguo em seu caráter” (p. 61).

Em São Paulo, há 39 anos, ocorre, em um dos domingos que antecedem ao Natal, um evento que permite a observação do caráter ambíguo do “racismo à brasileira”. São jogos de futebol vivenciados no plano do lazer por equipes compostas por jogadores que se autodeclaram “pretos” contra outras de jogadores que se autodeclaram “brancos”: é o jogo do “Preto X Branco”. O objetivo deste artigo é interpretar como esse tipo de preconceito que se desenvolveu junto à sociedade brasileira se relaciona com esse jogo local.

Suas características fazem do jogo “Preto X Branco” um ritual privilegiado, vivenciado no espaço/ tempo de lazer, para a compreensão dos dramas relativos à questão racial no Brasil. Denominado pelo próprio grupo de “encontro entre amigos”, como se pôde ler em faixas e canecas de chope alusivas ao evento, esses jogos de futebol contêm todos os ingredientes do “futebol de várzea”. No dia comemorativo ocorrem, em média, quatro jogos, em que os jogadores participantes são divididos em função da idade e de critérios técnicos. Em virtude dessas características, este evento

---

<sup>1</sup> “Como é que a inclusão pode coexistir com exclusão?” (TELLES, 2003, p. 19).

oriundo da cultura popular<sup>2</sup> proporciona um cenário fértil para a ebulição de diferentes significados que enriquecem o debate racial na sociedade brasileira.

A fim de atender aos propósitos desse artigo foi elaborado um roteiro de entrevistas e agendado um encontro com esse grupo para o sábado de 1º de agosto de 2009. Fomos até São Paulo tendo como destino o Clube da Comunidade, situado à rua Professor Silas Baltazar de Araújo, 220, Vila Arapuá, onde fica o Estádio Benedito Sapateiro, local de realização dos jogos. Lá é a sede e o ponto de encontro do Grêmio Esportivo Flor de São João Clímaco, um clube que compõe o quadro do futebol de “várzea” da cidade de São Paulo.

Os idealizadores desses jogos se encontram lá aos sábados, onde também há um bar, o “Bar do Chuchu”. É naquele pedaço<sup>3</sup> que os organizadores dos jogos vivenciam uma parte significativa do seu tempo livre, utilizando-o para, principalmente, beber cerveja, conversar sobre futebol e observar as partidas que ocorrem no campo em frente ao bar. Nesse encontro descobrimos que não estávamos apenas diante de um jogo exótico em nossa sociedade, mas também de uma forma específica de sociabilidade situada numa espacialidade geográfica repleta de significados para os protagonistas desse jogo.

Assumimos, inspirado em Ginzburg (2002), uma atitude investigativa na busca de pistas que ajudassem a interpretar o significado desses jogos e as relações que eles

---

<sup>2</sup> Melo e Alves Junior (2003) entendem que as manifestações da cultura popular são tão importantes quanto qualquer outra para interpretarmos a cultura da sociedade na qual elas estão inseridas, uma vez que refletem os valores, as normas e os hábitos que regem a vida humana em sociedade. Todavia, não devemos pensar que tais manifestações são vivenciadas num clima de total harmonia; ao contrário, em se tratando de cultura, estamos lidando com “algo tenso, construído do diálogo e conflito, de trocas, manipulações e embates” (*idem*, p.25).

<sup>3</sup> “espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada em laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade” (MAGNANI, 1996, p. 138).

estabelecem com o tema do racismo. Fontes que a princípio poderiam ser consideradas secundárias ou parecer irrelevantes foram apropriadas com cuidado e se transformaram em pistas de investigação, uma vez que podiam ser cruzadas com outras. A memória acumulada sobre aquele grupo registrada na mídia escrita e televisiva foi utilizada para auxiliar a pensar os significados daquele pedaço de lazer e sociabilidade que evidencia as tensões, nem sempre visíveis, sobre as relações raciais no Brasil.

Diferentemente da maioria dos clubes de futebol comunitário, que não possuem apelo e visibilidade junto à grande mídia, a tradição constituída em torno do tema da raça ou cor da pele transformou esse evento em pauta para matérias de diversos meios de comunicação, interessados em apresentar aquele evento exótico. São elas:

- a) Matéria publicada pela revista *Trip*<sup>4</sup> no dia 17/04/2003;
- b) Documentário para a *TV Cultura* sobre o jogo intitulado “Preto X Branco”, dirigido por Wagner Morales;
- c) Matéria publicada pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, na qual um jornalista, consubstanciado pelo documentário, fez menção ao jogo;
- d) Matéria do *Jornal da Tarde*, no dia 12/12/2009, com uma página inteira destinada ao evento, apresentando o jogo por meio do resgate da memória sobre alguns dos seus principais atores, quais sejam: árbitro, organizadores, jogadores;
- e) Matéria da revista *Placar*<sup>5</sup>, da edição de março de 2010;
- f) Reportagem da *Rede Bandeirantes de Televisão*, exibida pelo programa dominical “Band Esporte Clube” no dia 24/01/2010<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> Braz, E. C. Preto Contra Branco: uma partida de futebol põe em xeque o preconceito racial no Brasil”, **Revista Trip**, número 110, s/d.

<sup>5</sup> Revista publicada mensalmente pela Editora Abril, que, há 40 anos, dedica-se prioritariamente ao tema “Futebol”.

<sup>6</sup> Preto Contra Branco. Programa “Band Esporte Clube”. Rede Bandeirantes de Televisão, 24/01/2010.

A fim de ampliar o olhar sobre o “Preto X Branco”, adicionamos a essas fontes entrevistas semiestruturadas realizadas com o diretor do documentário e com 15 organizadores e participantes dos jogos, assim divididos segundo a autodeclaração dos entrevistados: 5 pretos, 8 brancos, 1 amarelo. Também foi entrevistado o presidente do Clube da Comunidade, que deu nome ao estádio onde são realizados os jogos. Além de realizar as entrevistas, participamos da preparação do festival de 2009 e do jogo de abertura, realizado no dia 20 de dezembro, na condição de jogador do time dos pretos e das festas de confraternização, ao som de roda de samba, promovidas nos dias 13 e 20 de dezembro<sup>7</sup>.

### **Relações raciais no lazer**

O futebol, no contexto de sua popularização na sociedade brasileira, teria representado, em algumas cidades, “Zonas Livres” de circulação, isto é, “espacios para la mezcla, la aparición de híbridos, la sexualidad y la exaltación de desempeños físicos [...que] permiten la articulación de lenguajes y prácticas que pueden desafiar un dominio público oficial y puritano” (ARCHETTI, 2003, p. 42). No caso brasileiro, as “Zonas Livres” serviram para integrar e dar visibilidade aos negros numa sociedade em que, apesar da igualdade conferida após o fim da escravidão, continuava mantendo as hierarquias raciais. Nessa mesma direção, o conceito de “Zonas Livres”, proposto por Archetti, se afina ao modelo empírico proposto por Sansone (2007).

Um dos principais achados de Sansone<sup>8</sup> é que as relações raciais ocorrem por fatias. A cor é vista como fator importante na orientação das relações sociais e de poder

---

<sup>7</sup> Em 2009, o evento foi inicialmente marcado para o dia 13 de dezembro. No entanto, esse dia amanheceu com muita chuva e isso fez com que o evento fosse transferido para o domingo seguinte, dia 20.

<sup>8</sup> O autor teve como locus de estudo a cidade de Salvador, capital do estado da Bahia. Esta cidade, comparativamente a outras capitais brasileiras, possui maior proporção de pretos na população.

em algumas áreas e momentos – as “áreas duras”<sup>9</sup> –, enquanto é desproblematizada em outras – as “áreas moles”<sup>10</sup>. As “áreas moles” seriam todos aqueles espaços nos quais o fato de ser negro não acarreta dificuldades, e pode, às vezes, até dar prestígio. Abrangem o domínio do lazer, particularmente os espaços<sup>11</sup> do futebol, do samba, do carnaval e da capoeira. Esses espaços funcionam ao redor daquelas atividades consideradas típicas da “raça”, nas quais o negro pode e deve brilhar. Nesses espaços, “ser negro” pode constituir uma vantagem.

Sansone (2007) indica que a hierarquização de domínios e espaços cria um *continuum* da importância relativa à cor: na procura de trabalho, ou seja, nas “áreas duras”, há o máximo de racismo; nas “áreas moles”, ou espaços da “cultura negra”, o mínimo. Em outros termos, poderíamos pensar que a integração do negro na sociedade no período posterior à abolição ocorreu através da apropriação daqueles espaços que o autor concebe como “áreas moles” nos dias atuais. O futebol do âmbito do lazer pode ser visto como um “espaço implicitamente negro” ou, como ensina Sansone, uma “área leve” de racismo. O futebol no Brasil assumiu culturalmente jogadores como Leônidas da Silva e Pelé, negros que se converteram em expressões máximas do futebol nacional.

O lazer popular no Brasil, em tese, se configura em espaços nas quais a cor da pele e a raça não se transformam em barreiras e exclusão. O domínio do lazer, em geral, e em particular o botequim, o dominó, o “baba”<sup>12</sup>, a pelada<sup>13</sup>, o bate-papo com os vizinhos na esquina, o sambão, o carnaval, o São João (as quadrilhas, o forró, as visitas aos vizinhos), a torcida, a seresta e, naturalmente, a própria turma com a qual se

<sup>9</sup> Nas “áreas duras” as relações de cor são: (1) trabalho ou procura de trabalho; (2) mercado matrimonial e paquera; e (3) contatos com a polícia (SANSONE, 2007).

<sup>10</sup> Nas “áreas moles” as distinções são vistas, sobretudo, como ligadas à classe, à idade, ao sexo e ao bairro (SANSONE, 2007).

<sup>11</sup> Estes espaços são frequentemente denominados pelo termo abrangente “cultura negra”.

<sup>12</sup> Termo nativo que, no português da Bahia, é utilizado para designar o futebol de praia ou praticado informalmente.

<sup>13</sup> Termo que também designa futebol informal.

compartilha uma boa parte do lazer em público são zonas livres ou áreas moles para o racismo no Brasil. Boa parte desses lazeres pode ser considerada como regiões da cultura negra ou miscigenada, isto é, lugares nos quais ser negro não se configura em obstáculo à sociabilidade; “são espaços e momentos que os negros compartilham com os não-negros, num clima relativamente livre de tensões raciais” (SANSONE, 2007, p. 81).

Parte desses domínios é reproduzida no “Preto X Branco”. A festa de confraternização no Bar do Chuchu e a pelada do “Preto X Branco” poderiam ser vistos como espaços implicitamente negros. Trata-se de um evento que ocorre numa área leve de racismo em uma atmosfera cordial e relativamente livre de tensões raciais. A cordialidade com que pretos e brancos convivem durante o evento, disputam as partidas e vivenciam as rodas de samba sugere pensarmos o “Preto X Branco” como uma área leve de racismo, como já indicava Sansone (2007), e como é reforçado pelo entrevistado 1.

Nos jogos de preto contra branco, nós colocamos aqui no nosso reduto, aqui na nossa comunidade, por volta de 3000 pessoas, é o público flutuante, não é um público fixo. É flutuante porque o evento começa 7 horas, 8 horas da manhã e vai até as 6, e nós continuamos com música, batucada em geral, churrasco, pagode, dança, show, choro... Aí chora lembrando o tempo de infância, uns estão bem, outros não... Nós temos amigos aqui que estão milionários e tem outras pessoas que estão na diversidade. Têm outros que estão com problema familiar, tá entendendo? Às vezes você tá com milhões, mas você não tem um amigo do lado e nesse dia tá todo mundo, tá entendendo? Todo mundo é classe A, não tem A-Z, todo mundo é sangue bom. É irmão, porque a gente tem que se basear na longevidade do evento, esse que é o top. Eu estou até repetitivo, nós estamos, eu principalmente, mas nós estamos 60 anos no mesmo local (entrevistado 1).

Um valor marcante no “Preto X Branco” é que aquele evento trata-se de um “encontro de amigos”. Essa expressão pôde ser lida não só nas canecas de chope

comemorativas do evento, mas em todos os cartazes e faixas de divulgação que foram confeccionados.



FIGURA 1 - Faixa fixada em frente ao Bar  
Fonte: Arquivo pessoal – Dezembro/2009

Além de materializada através desses meios, essa expressão é bastante recorrente no discurso dos participantes. Isso sugere que a amizade é um valor muito forte na memória do jogo “Preto X Branco”. Afinal, foi através dela que esse evento idealizado no início da década de 1970 se perpetuou a ponto de hoje se constituir em uma tradição de quase 40 anos. Isso seduziu a mídia, que foi buscá-lo a fim de produzir um documentário, matérias televisivas ou matérias jornalísticas tomando como fonte a memória produzida pelo e sobre o grupo.

A presença da mídia serve para legitimar esse espaço de lazer e reforçar a maneira como aquele grupo gosta de se ver. Esse discurso foi reverberado em uma das mídias que se ocuparam do evento. Basta lembrarmos a capa da Revista Trip<sup>14</sup> sobre o

<sup>14</sup> Braz, E. C. Preto Contra Branco: uma partida de futebol põe em xeque o preconceito racial no Brasil”, **Revista Trip**, número 110, s/d.

evento cujo título era: “Pretos x brancos: uma partida de futebol põe em xeque o preconceito racial no Brasil”.

Todavia, apesar de ter se cristalizado um discurso de que aquele evento se trata de um “encontro de amigos” e que contesta o preconceito racial no Brasil, esse tempo de sociabilidade não ocorre totalmente isento de tensões raciais. Tentando compreender melhor essa tensão, uma das perguntas da entrevista semiestruturada realizada com os participantes dos jogos visava descobrir se já houve alguma manifestação de racismo naquele pedaço. As respostas dos entrevistados foram ambíguas nesse sentido. Há quase um unísono em afirmar que não há racismo naquele evento.

Afinal, como poderia haver racismo em um jogo que foi idealizado para a confraternização entre amigos que se autodeclararam pretos ou brancos e que contesta o preconceito racial na sociedade brasileira? Além de algumas vozes dissonantes, o cruzamento das fontes nos mostrou o contrário. Ora negando, ora assumindo, as respostas dos entrevistados revelaram a especificidade naquele *pedaço* do racismo brasileira. Observemos as falas a seguir para pensarmos nas especificidades do tema da raça:

“Racismo nunca teve porque aqui é o seguinte, nós somos amigos”, afirma Nitão. “Dentro de campo a gente xinga, fora a gente xinga, mas é tudo amigo. Racismo é lá na casa do [...]. Sei eu lá onde. Aqui não tem. Bom, eu não tenho porque meus compadres são tudo preto” (Revista *Trip*, 17/04/2003, p. 66).

O entrevistado 10, 28 anos, autodeclarado branco, nega que já tenha havido alguma manifestação de racismo naquele pedaço:

Aqui agente não tem espaço pra esse tipo de coisa, não, muito pelo contrário. Aqui a gente sempre prega, sempre prego [...]. Eu tô aqui nesse espaço tem 22 anos já, né, nunca [...]. Desde as categorias de base que a gente têm formado, que eu participei também [...]. Até

agora os mais velhos, os veteranos, jogam os veteranos do Arapúá aos domingos aqui nesse espaço [...]. Nunca.

O entrevistado 6 vai além, dizendo: “Aqui não existe isso [se referindo ao racismo], uma coisa que nós já estamos juntos há 45 anos, amizade de 45 anos, né, brincadeira, não. Nunca teve. Não, se tem eu não fiquei nem sabendo”. Foi esse entrevistado que disponibilizou a matéria da revista *Trip*, e, segundo ele, foi o fato de não haver racismo naquele grupo que fez com eles fossem procurados pelas mídias. Quando questionado se já houve alguma manifestação de racismo, ele respondeu: “Não. Pra sair essa matéria na revista *Trip*... Foi uma professora da USP que aprovou a matéria, e analisando tudo, como que é o negócio de racismo, tem uma foto que tem um preto e um branco se apertando, está até elogiando o negócio”.

A professora indicada pelo entrevistado é a Dra. Lilia Moritz Schwarcz. Receber um elogio de uma professora da USP (Universidade de São Paulo) que é uma das principais referências acadêmicas na discussão racial no Brasil legítima de sobremaneira a auto-representação do grupo e do evento que promovem.

A matéria da *TV Bandeirantes*<sup>15</sup> também se ocupou desse evento:

E se engana quem pensa que o “Preto X Branco” é motivo para alguma manifestação de racismo. O clima é o da mais pura amizade. [Um dos participantes diz:] “Esse jogo de preto e branco é pra mostrar realmente aquela integração de preto e branco e todas as raças, né. Então aqui amarelo, branco, enfim, aqui é uma grande confraternização” (PROGRAMA “BAND ESPORTE CLUBE”, 24/01/2010).

Outra interpretação foi apresentada pelo entrevistado 8, autodeclarado branco. Questionado se acha que já houve alguma manifestação de racismo no “Preto X

---

<sup>15</sup> Reportagem da *Rede Bandeirantes de Televisão*, exibida pelo programa dominical “Band Esporte Clube” no dia 24/01/2010.

Branco”, ele disse: “Existe, infelizmente existe, não dá pra negar”. Questionamos em qual momento tais manifestações racistas teriam ocorrido e ele nos revelou:

O que eu disse pra você, às vezes uma jogada mais pegada, aí um branco chama de macaco, o negro chama de sei lá alguma coisa, fica meio [...]. Se fosse no dia a dia, uma situação tensa, né, uma situação meio chata, né, mas futebol é aquele negócio, então tem que relevar pra evitar, né.

Perguntamos se já havia visto alguma dessas manifestações e ele complementou: “Já, é que às vezes lá dentro fala coisa que não deve, depois a gente esquece, e chama negro de macaco. É meio ofensivo pra mim, mas lá dentro o negócio tá pegando, existe esse termo pejorativo que eu acho que magoaria, mas também, às vezes, esse pessoal negro fala”.

O entrevistado 11 afirma que aquele evento se trata de uma brincadeira e que nela não há racismo: “Não, nessa brincadeira, não. O intuito dela é uma integração, né. Rivalidade dentro do campo existe, né, ninguém que perder”. Além disso, o mesmo entrevistado revelou uma questão interessante quando disse que esses xingamentos partiam de pessoas conhecidas. “Mas você sabe que quem tá xingando tem intimidade” complementou. Questionado sobre quais seriam esses tipos de xingamentos, o entrevistado revelou uma gozação amparada sob o resíduo da hierarquia das raças: “Oh, seus macacos... Mas no fundo é gozação, né, porque é tudo conhecido, então tem essa liberdade de brincar”.

No documentário, Rappin Hood<sup>16</sup> disse:

Às vezes o cara tem vontade de falar mas ele não pode. E daí no dia da brincadeira ele aproveita para falar. Eu não vou negar não, mano.

---

<sup>16</sup> Rappin Hood é um rapper paulistano que possui visibilidade junto a grande mídia e um dos protagonistas famosos daqueles jogos.

Tem coisa que eu escuto no dia do jogo que se for em dia normal o bicho pega. Que eu não vou ouvir quieto.

Zé Lauro, no mesmo documentário, entrevistado dizendo que ele brinca com todos os pretos porque “todos eles me conhecem. Eu não faço por maldade. Eu faço por brincadeira mesmo”. Rappin Hood tomou a palavra e reforçou: “Lógico. E a brincadeira é entre nós que se conhecemos. Se o senhor Zé Lauro brincar comigo eu vou aceitar, né, mano. Ele me conhece desde muleque”.

Pensemos com Sansone (1996) quando ele diz que a terminologia popular brasileira inclui um conjunto de termos usados em diversos contextos sociais, como, por exemplo, no grupo de amigos, nas brincadeiras e nas brigas usam-se certos termos que não seriam empregados fora desses contextos. Um termo altamente pejorativo como esse (“macaco”) poderia ser usado por brancos para se referir a pretos, caso não fossem amigos? A relação de amizade entre os interlocutores compõe a linha tênue que distancia a ofensa da brincadeira. Ao mesmo tempo, essas agressões de cunho racial no espaço da brincadeira podem expressar um tipo de ritual que relembra uma sociedade hierarquizada pela cor da pele que deve ser banalizada no espaço do jogo.

Em contraposição, no futebol profissional, o uso do termo *macaco* para ofender os adversários negros pode revelar o racismo reprimido que é acionado nos momentos de competição (ABRAHÃO, 2010). Vale a pena lembrar que as manifestações dessa natureza ganharam maior visibilidade a partir de 2005 quando, com alguma frequência, nos deparamos no noticiário com incidentes em estádios de futebol da Europa e do Brasil em que jogadores negros eram chamados de macacos pelos adversários. Na contramão da rememoração dessas representações preconceituosas sobre os negros, a partir de 2006 a Federação Paulista de Futebol passou a organizar uma campanha na

qual os atletas participantes de competições promovidas por aquela federação entravam em campo trazendo uma faixa com os dizeres: **“RACISMO, AQUI NÃO!”**.

O próprio *site* da Federação Paulista afirmava na época que essa campanha tinha por “objetivo de conscientizar atletas e torcedores de que a discriminação racial manifestada por atos ou palavras deve contar com o repúdio de todos que lutam por um país melhor”. No mesmo site<sup>17</sup> podemos ler as intenções da federação:

[...] a Federação Paulista de Futebol acredita que qualquer tipo de discriminação deva ser banido da sociedade. Entende que o racismo é um dos piores meios de se tentar provar uma superioridade racial inexistente e absurda que, ainda nos dias de hoje, podemos testemunhar em atos incompreensíveis. [...] No intuito de fazer parte de um movimento para banir o racismo dos estádios de futebol, a Federação Paulista de Futebol sente-se na obrigação de trabalhar na conscientização de todos os que freqüentam o ambiente esportivo ao demonstrar total repúdio à discriminação racial. Esperamos que essa proposta se transforme na realidade de uma sociedade igualitária, na qual não haja diferenças de raça, credo ou cor.

Esse ordenamento do órgão máximo do futebol paulista é reproduzido no interior das instalações da quadra de bocha do Parque Fongaro. Nas paredes há vários pôsteres de seleções brasileiras, de clubes de outros estados e do próprio estado de São Paulo, dentre os quais figura um do Sport Club Corinthians Paulista, clube mais popular de São Paulo, referente ao título de campeão paulista daquele ano de 2009. Na FIG. do título que ficará eternizada aparece uma faixa com os valores que a Federação Paulista quer propagar e um dos valores celebrados por aquele pedaço: a negação do racismo.

---

<sup>17</sup> Disponível em: [www.fpf.org.br](http://www.fpf.org.br).



FIGURA 2 - Pôster do Corinthians exibido nas paredes do Parque Fongaro  
Fonte: Arquivo pessoal – Agosto/2009

Essa pregação antirracista teria por intenção desenvolver uma cultura pacífica, avessa a qualquer tipo de discriminação, que estaria sintetizada nas placas dentro do Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho – conhecido como Pacaembu – como a da FIG. abaixo:



FIGURA 3  
Fonte: Arquivo pessoal – Julho/2010

Esse tipo campanha antirracista e os jogos de preto contra branco que ocorrem no Grêmio Esportivo Flor de São João Clímaco, apesar de serem eventos com finalidades e intencionalidades diferentes, ambos a sua maneira revelam que o Brasil não pode ser um país racista e, ao mesmo tempo, denunciam que existem barreiras de cor e velhas hierarquias que devem ser rechaçadas da sociedade. A campanha da Federação Paulista assume um cunho moral, os jogos Preto X Branco assumem a diferença e a pilhéria como forma de exorcizar a diferença que se expressa nos termos racistas utilizados durante o jogo e também para libertar as diferenças reprimidas de um passado escravocrata.

O “Preto X Branco” revela que o termo “macaco” é uma das formas de classificação da vida cotidiana. Nesse âmbito, o lugar, a posição de quem fala e, sobretudo, o grau de relação entre as pessoas determinarão se a utilização de um termo ou de outro será ofensiva ou não. Ivonne Maggie (2005-2006) cita que há três formas de classificação de cor no Brasil: a do IBGE, que coincide com a do Estado (pretos, pardos, brancos e amarelos); a forma romântica do mito fundador da civilização brasileira (branco, índio, negro) e a da vida cotidiana.

A compreensão desses códigos é necessária para interpretar as relações interétnicas dadas no contexto do Preto X Branco. Se for alguém do pedaço e esse alguém tiver intimidade ou uma relação de proximidade no espaço de lazer que o habilite a brincar com o outro, se tolera a utilização do termo “macaco” como forma de estereotipização da cor da pele do negro, ainda que o desumanize. Entre pessoas próximas, a utilização do termo deixa de ser vista como uma ofensa e passa a ser tolerada como uma brincadeira, ainda que não proporcione nenhum tipo positividade a

favor dos negros. Não acreditamos que algum desconhecido naquele pedaço se atreveria a ter algum tipo de comportamento que pudesse ser considerado ofensivamente racista.

Apesar de essas manifestações de palavras com cunho racista, com espírito de galhofa, serem acionadas no espaço de lazer pelos próprios entrevistados, observa-se a fala oficial do grupo, quando foi objeto do documentário “Preto X Branco” e da matéria da revista *Trip*, não deixou nenhuma marca que problematizasse ou tornasse ambígua as relações naquele ritual. Afinal, conforme apresentado pelo *Jornal da Tarde*, esse jogo “sem conotação racista” coloca em xeque o preconceito racial no Brasil. Daí o interesse do grupo em silenciar ou considerar a galhofa, as gozações e, porque não, as tensões presentes no acionamento de termos como “macaco” ou de apresentação da banana como símbolo de identificações chistosas da hierarquia racial no espaço ritual do jogo.

Se o ritual converte os diferentes em iguais, nos jogos Preto X Branco o humor expresso nas brincadeiras do bar e do jogo talvez revelem o nosso paradoxo cultural de termos uma sociedade hierarquizada pela linha de cor e classe e, ao mesmo, tempo um valor social que rejeita o racismo como marca de nossa sociedade. Assim, o humor em forma de agressões consentidas no espaço do jogo evidenciam o recalque do racismo em nossa sociedade, a hierarquia de um passado escravocrata e, em tese, a descrença nas normas linguísticas do politicamente correto para governar o espaço de sociabilidade no lazer e as formas de enfrentamento das possibilidades de integração numa sociedade que se ressent de um passado racista. O humor em forma de pilhéria talvez se configure numa plausível interpretação desse jogo ritual (KUPERMANN, 2010).

Vejamos como é de certa forma como o ideal entre a afirmação antirracista do grupo convive com o humor e a pilhéria no espaço do lazer. Por exemplo, quando o

entrevistado 4 foi questionado sobre o que uma torcida canta para outra, ele disse: “Ah, tem essas brincadeiras [racistas] aí, né? Tira sarro quando sai gol, mas sem desavença, sem nada”. Por mais que o entrevistado fosse estimulado a contar como eram essas brincadeiras, ele relutava em explicitá-las. No contato com o entrevistador, o entrevistado estava, nesse caso, numa situação de constrangimento que deveria falar a voz oficial do grupo.

O dilema do entrevistado deveria ser como explicar para o pesquisador as brincadeiras sem ser mal interpretado. Na continuidade da entrevista vimos que aquilo que esse entrevistado chamava de “brincadeiras” na verdade se resumia ao fato dos brancos chamarem os pretos de “macacos” durante o jogo: “Macaco, outro que zoa os brancos. E negócio mesmo dentro de campo, mas não passa dali, não, dentro das quatro linhas. Depois o respeito é mútuo”. No decorrer da entrevista, o mesmo entrevistado afirmou sobre a manifestação de racismo no evento.

Eu acho que sim, mas como eu te falei desde o início, não aqui na área. Na área aqui eu nunca presenciei, na área do futebol aí, na base, no profissional eu nunca presenciei, pelo menos na área que eu frequento em São Bernardo eu nunca vi. Você vê aí o pessoal saindo aí, cada pessoa de cor, e é realmente aí nossa área, nós temos esse conceito. [...] Que eu tenha visto, nenhuma. Que eu tenha visto, assim... porque a festa é muito grande. [...] A festa é muito grande, mas que tenha sido, assim, que a gente percebeu, que teve um bafafá com negócio de racismo, não teve não, acho que não. Tem as brincadeiras dentro de campo, o pessoal quando faz gol que imita umas coisas.

No dia 13 de dezembro de 2009, na ocasião da visita para realização da pesquisa de campo, recebemos de Chuchu uma reportagem do jornal *O Estado de S. Paulo*, de autoria de José de Souza Martins, sobre a suspensão do presidente do Palmeiras, Luiz

Gonzaga Belluzzo<sup>18</sup>, que tratava da punição do dirigente do Palmeiras por causa de insultos racistas proferidos contra um árbitro, tinha por certo duas intenções: uma tratar do tema do racismo no esporte e a outra, a principal, era que a reportagem fazia menção ao “Preto X Branco”.

#### Belluzzo e o insulto<sup>19</sup>

A condenação do presidente do Palmeiras, o professor da Unicamp, Luiz Gonzaga Belluzzo, a nove meses de suspensão do exercício da função, é desses fatos que já entraram para o folclore do futebol brasileiro, incluído no repertório das rodas de cerveja dos botecos, dos bate-boca de esquina e até da macarronada dominical dos palmeirenses dos velhos bairros operários. Sobretudo porque Belluzzo é conhecido por sua cordialidade, sua sensatez e boa educação. Nem faltará nos lugares dos guias emblemáticos das disputas verbais sobre o futebol o Bar do Vô, da Rua do Hipódromo, onde se vê de longe a melhor coleção de cabeças grisalhas da Mooca, torcedores do Palmeiras e do Juventus, cujo estádio fica a poucos passos. É um dos poucos lugares em que a população torce lealmente para os times, memória que se perde na história da imigração italiana.

A decisão punitiva da Comissão Punitiva do Tribunal de Justiça Desportiva seria mais compreensível se se tratasse de julgamento relativo a fato ocorrido num colégio de freiras, dos antigos. Mais difícil de compreender na lógica popular do futebol, de que o insulto é constitutivo. Futebol sem xingamento e insulto não é futebol, é jogo de amarelinha. O futebol nasceu justamente na Inglaterra tensa da sociedade de classes decorrente da Revolução Industrial. Nasceu como instrumento politicamente terapêutico e válvula de escape das tensões sociais, para que o jogo da economia pudesse continuar. Veio para cá nesse mesmo espírito, não por acaso introduzido por Charles Miller, nativo do proletário Brás, empregado da São Paulo Railway.

Um muito bem feito filme etnográfico, de Wagner Morales – preto contra branco – documenta, justamente, os conflitos sociais e étnicos da favela de Heliópolis. Uma famosa disputa de futebol de Várzea, sempre às vésperas do Natal, laboriosamente preparada ao longo de um inteiro de discussões e de racismo dissimulado num boteco do lugar, tem por objetivo promover o confronto entre os que se julgam pretos e os que se julgam brancos, apesar do enorme número de mestiços. O racismo cotidiano vai nessa peleja ao seu extremo. Os

---

<sup>18</sup> O mandatário palmeirense foi julgado pelas reclamações e acusações feitas ao árbitro Carlos Eugênio Simon após a derrota para o Fluminense por 1 a 0, no Campeonato Brasileiro de 2009. Na ocasião, o árbitro teve uma atuação bastante contestada. Ao final da partida, Belluzzo declarou que Simon é um “vendido” e ainda o xingou de “safado”. Disponível em: <[http://www.futebolinterior.com.br/news.php?id\\_news=105844](http://www.futebolinterior.com.br/news.php?id_news=105844)>, Acesso em: 11 jan. 2010.

<sup>19</sup> Martins, J. S. Belluzzo e o insulto. **O Estado de S. Paulo**, segunda-feira, 23/11/2009, Cidades/Metrópole, C8.

palavrões e xingamentos que ali são ditos, todos de ofensivo conteúdo racial, em que especialmente as mães não são poupadas, deixam os cabelos de todos os membros do TJD de pé e ainda faltaria cabelo para eriçar.

A grande descoberta sociológica dos moradores de Heliópolis foi a de que a tensão das disputas futebolísticas põe entre parênteses a vida cotidiana e até a civilidade. A indignação de Belluzzo e dos palmeirenses situa-se no intervalo do parêntesis, e das tensões da disputa em campo cujo tempo não se restringe aos 90 minutos do jogo, mas por tradição se estende pela semana inteira.

Sem entramos nas intenções do jornalista em naturalizar as declarações do Presidente do Palmeiras ao acionar o jogo “Preto X Branco”, podemos, por outro lado, entender que esse jogo ritual revela que os insultos racistas durante o jogo suspendem os valores igualitários afirmados no cotidiano que escondem as clivagens raciais e sociais. Devemos destacar que as manifestações de racismo, num tempo suspenso, aludidas pelo jornalista foram repudiadas por Chuchu. Esse é um dos principais protagonistas do Preto X Branco que diante da matéria chamou a atenção que poderíamos observar como ali não havia racismo. O impacto do nome do jogo acaba por provocar em seus gestores e participantes a constante vigilância de não serem mal interpretados pelos de fora.

As leituras sobre o jogo em questão não são homogêneas. Um dos personagens entrevistados durante a pesquisa foi Wagner Morales, diretor do documentário “Preto X Branco”. Quando o perguntamos em uma entrevista realizada em agosto de 2009 se via racismo naquele espaço de lazer, ele nos disse:

Sim, em relação ao jogo “Preto contra branco” que ocorre no bairro de São João Clímaco, acho sim que ocorre racismo. Da mesma forma como ocorre em qualquer situação cotidiana no Brasil. Um racismo disfarçado pelo humor, pela falsa camaradagem, pelo mito da mistura racial. Durante o jogo e nas conversas com as pessoas, é possível ouvir sempre aquela ideia de tolerância, “aqui é tudo amigo”, esse tipo de imagem idílica de paraíso racial.

O autor do documentário, realizando uma reflexão posterior, pensa o jogo como mais uma das formas reedição do mito da democracia e da mistura racial. Estamos diante de um tema caro ao debate republicano na sociedade brasileira, de um campo de consensos e conflitos não tão bem demarcados teórica e politicamente e, sobretudo, no caso estudado, diante de um jogo exótico para os tempos do discurso do politicamente correto. Por esse último motivo, que os protagonistas e organizadores se orgulham do “Preto X Branco”, ao mesmo tempo em que possuem certo constrangimento de não serem mal interpretados por aqueles que desconhecem os valores daquele *pedaço*.

### **Conclusão**

Schwarcz (2003) analisou a lei 7.716 de 5 de janeiro de 1989 e observou que há no primeiro artigo uma evidência de como é confusa a definição da questão racial no país. O texto diz que serão “punidos, na forma desta Lei, os crimes de preconceito de raça ou de cor”. O fato de os termos “raça” e “cor” aparecerem como sinônimos revela que, no Brasil, “os termos são homólogos e cambiáveis” (SCHWARCZ, 2003, p. 53). Após apresentar 20 artigos dessa lei a autora chegou à conclusão de que ela “se mostra pródiga em três verbos: “impedir”, “recusar” e “negar”. Racismo é, portanto, “proibir alguém de fazer alguma coisa por conta da sua cor de pele” (*idem*, 2003, p. 55).

Partindo dessa perspectiva podemos interpretar que, de fato, não há mesmo racismo naquele *pedaço* do ponto de vista formal da lei. Lá ninguém é impedido de nada, nem de auto identificar-se de branco ou preto independente da suposta origem étnica. Esse fato pode ser confirmado pelo fato que alguns jogadores jogaram num ano pela equipe dos pretos e em outro ano pela a dos brancos. A própria natureza do evento

revela desejo de afirmação da integração e sugere, consciente ou inconscientemente, desejos de diálogo com o tema racial e do racismo.

Isso não quer dizer que ali não haja nenhuma forma de manifestação das representações estereotipadas que povoam o imaginário da sociedade brasileira sobre os pretos, e tampouco garante que não vá ocorrer naquele espaço nenhuma manifestação de inferiorização a partir das características corporais associadas à cor da pele. O contraste entre as diversas fontes utilizadas nesse estudo (entrevistas e matérias sobre os jogos) sugere que os estereótipos raciais funcionam nesse jogo ritual como elemento de humor que, talvez, esse grupo esteja rindo, de forma mais ou menos consciente, da história das relações raciais e da apropriação cultural do politicamente correto no Brasil. As manifestações de pilhéria em relação aos negros convivem no jogo de futebol com as normas politicamente corretas do linguajar antirracista. Assim, entendemos o constrangimento ou as dificuldades dos entrevistados em traduzir aquilo que ocorre no espaço do jogo sem que sejam mal interpretados.

Por essa razão, parece mais plausível interpretarmos o ritual do “Preto X Branco” como uma espécie de ritual de inversão, no qual os constrangimentos são exagerados ou carnavalizados naquele tempo ritual em que as hierarquias das raças podem ser lembradas ou acionadas, sem que haja a preocupação com o espaço legal. Pretos e brancos, ao construírem artificialmente um conflito por meio de um jogo, acabam por dar visibilidade às hierarquias que hoje, de certa forma, são constrangidas pela legislação e pela imposição da linguagem politicamente correta.

Os jogos em tela dão, com espírito de pilhéria, visibilidade àquilo que a sociedade reprime ou esconde. Isto é, as hierarquias raciais sempre foram escondidas ou reprimidas a partir do Brasil liberto da escravidão. No Brasil, pelas próprias

características do tipo de colonização e pelos agenciamentos políticos e ideológicos posteriores, ser racista se tornou foi vergonhoso. Nesse sentido, podemos dizer que o “Preto X Branco” é um palco de injúrias<sup>20</sup> que podem ser lidas como dramatizações dos estereótipos raciais nesse conflito artificial e carnavalesado.

O jogos de Preto X Branco reproduzem a contradição de um tipo de racismo presente, mas não assumido, que convive com um anti-racismo declarado, cunhado nos termos da “democracia racial” ou do politicamente correto, mas não efetivado. Quando o racismo é identificado, é amplamente repudiado, como pôde ser visto a partir das interpretações dos atores comprometidos com os jogos quando dizem que os “racistas são expulsos dos jogos”. A mensagem dos jogos é que não admitimos o racismo no Brasil da “democracia racial” ainda que seus reflexos persistam na vida privada de muitos daqueles que são identificados à “raça negra”.

Parece que estamos, realmente, lidando com uma forma particular de racismo – o “racismo à brasileira” (TELLES, 2003) – em que coexistem dois movimentos contraditórios: “Como é que a inclusão pode coexistir com exclusão?”, é o que questiona Telles (2003, 19). A eficácia da ideologia nacional prima pela ambigüidade de duas concepções antagônicas sobre um mesmo objeto: as relações raciais na sociedade brasileira. Como atesta Schwarcz (2005-2006, p. 8), “se não há bons racismos – isso é certeza – o ‘nosso’ é definitivamente singular ou ao menos ‘diferente’, uma vez que é fruto de um contexto histórico e social específicos”.

Não obstante o fato dessa mesma sociedade se auto-promover como assimilacionista no plano cultural, os debates sobre a construção identitária da

---

<sup>20</sup> No Código Penal Brasileiro, no Capítulo V – Dos crimes contra a honra, lê-se:

“Art. 140. Injuriar alguém, ofendendo-lhe a dignidade ou o decoro:

§3º Se a injúria consiste na utilização de elementos referentes a raça, cor, etnia, religião, origem ou condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência.

Pena – reclusão de 1 (um) a 3 (três) anos e multa” (p. 106)

brasilidade parecem ter trabalhado pela tensão entre o racismo não assumido e o anti-racismo declarado. O Brasil é, sim, um país marcado por um processo de exclusão social e econômica, mas é também uma nação de costumes e hábitos miscigenados.

O Preto X Branco é um exemplo desses costumes e hábitos miscigenados que ajuda a reforçar os valores antirracistas por via de um conflito artificializado cujo ingrediente é a pilhéria humorística sobre as raças. Pilhéria essa que pode revelar os dilemas como tratamos no Brasil o preconceito baseado na cor da pele, as desigualdades históricas a partir da linha de cor e a necessidade de construção de subjetividades para além do preto e do branco. A celebração da amizade entre amigos “brancos” e “pretos”, ainda que reproduza representações pejorativas do negro no espaço carnalizado do jogo, é uma tentativa de superação do racismo via o humor e a pilhéria do debate racial.

## REFERÊNCIAS

ARCHETTI, Eduardo. **Masculinidades:** fútbol, tango y polo en la Argentina. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.

ABRAHÃO, B. O. L. **O “preconceito de marca” e a ambiguidade do “racismo à brasileira” no futebol.** Tese (Doutorado) - Universidade Gama Filho - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Rio de Janeiro, 2010.

CÓDIGO PENAL BRASILEIRO. 10. ed. São Paulo: Saraiva, 2004.

DAMATTA, R. **Relatizando:** introdução à antropologia estrutural. Petrópolis: Vozes, 1981.

GINZBURG, C. **Relações de força:** histórica, retórica e prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KUPERMANN, Daniel. Humor, desidealização e sublimação na psicanálise. **Psicol. clín.**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, June 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652010000100012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652010000100012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 08 set. 2012.

MAGGIE, Y. Uma nova pedagogia racial? **Revista USP**, São Paulo, n. 68, p.112-129, dez./fev., 2005-2006.

MAGNANI, J. C. Quando o campo é a cidade – fazendo antropologia. In: MAGNANI, J. C. & TORRES, L. DE L. (Org.). **Na metrópole**. São Paulo: EDUSP, FAPESP, 1996.

MARTINS, J. S. Beluzzo e o insulto. **O Estado de S. Paulo**, segunda-feira, 23/11/2009, Cidades/Metrópole, C8.

MELO, V. A.; ALVES Jr.; E. D. **Introdução ao lazer**. Barueri: Manole, 2003.

PRETO X BRANCO. Morales, W. São Paulo: TV Cultura, 2004. Filme Documentário.

SANSONE, L. **Negritude sem etnicidade**: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra no Brasil. Salvador: Edufba; Pallas, 2007.

\_\_\_\_\_. As relações raciais em Casa Grande & Senzala revisitadas à luz do processo de internacionalização e globalização. In: MAIO, M. C.; SANTOS, R. V. (Org.) **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996.

SCHWARCZ, L. M. **Racismo no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2001.

\_\_\_\_\_. Nem preto, nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: NOVAES, F. A.; SCHAWRCZ, L. M. (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. Na boca do furacão. **Revista USP**, São Paulo, n. 68, p. 6-9, Dezembro/Fevereiro 2005-2006.

TELLES, Edward. **Racismo à brasileira**: uma nova perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

### **Endereço dos Autores:**

Bruno Otávio de Lacerda Abrahão  
Rua Chefe Pereira, 261/ 03 – Serra  
CEP 30240-150 – Belo Horizonte – MG  
Endereço Eletrônico: [bolabra@gmail.com](mailto:bolabra@gmail.com)

Antonio Jorge Gonçalves Soares  
Endereço Eletrônico: [ajgsoares@gmail.com](mailto:ajgsoares@gmail.com)